

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO BECO DO LOUREIRO

Raquel Santos / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

Paulo Rebelo / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

Nuno Neto / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar de forma sucinta os dados resultantes da escavação arqueológica no Beco do Loureiro, Lisboa. A execução de duas sondagens, numa área total de mais de 100m², permitiu a identificação de um conjunto estrutural de época Moderna/Contemporânea, constituído por uma rua calçada, ladeada por dois edifícios, um deles relacionado com uma pequena indústria ou forja.

ABSTRACT

This paper aims to present briefly the data resulting from the archaeological dig in Beco do Loureiro, Lisbon. The execution of two surveys, in a total area of more than 100m², allowed the identification of a set of modern/contemporary constructions, consisting of a paved road, flanked by two buildings, one related to a small industry or forge.

I. INTRODUÇÃO

Os trabalhos de arqueologia realizados no Beco do Loureiro, nº 16, no Bairro de Alfama, em Lisboa, foram levados a cabo pela Neoépica, Lda. entre Dezembro de 2011 e Janeiro de 2012, consistindo na abertura de duas sondagens de diagnóstico.

Em 2005 a área tinha já sido alvo de uma intervenção arqueológica (Silva & Nozes, 2005), que consistiu na realização de três sondagens arqueológicas, tendo sido identificados materiais de cronologia medieval e quinhentista, embora não tenham sido encontrados contextos preservados desta cronologia.

A intervenção de cariz preventivo levada a cabo pela Neoépica, Lda., focou-se em duas zonas – uma que coincide (embora abrangendo uma área mais alargada) com uma das áreas anteriormente intervenionadas e outra em terreno que ainda não tinha sido sondado.

II. TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

II.1. Metodologia

A metodologia arqueológica adoptada na escavação das sondagens procurou responder aos objectivos da intervenção e adequar-se à realidade previamente conhecida.

Do ponto de vista metodológico optou-se por, inicialmente, remover mecanicamente os níveis contemporâneos (cerca de 1,50m), passando posteriormente à escavação manual, segundo os princípios de Barker e Harris, através da remoção de cada Unidade Estratigráfica (U.E.) seguindo os seus contornos naturais e pela ordem inversa à sua formação. Foram realizados registos descritivos, gráficos e fotográficos de todos os contextos e unidades estratigráficas (Figura 1).

II.2. Sondagens arqueológicas

Os trabalhos arqueológicos contemplaram a escavação de duas sondagens de diagnóstico, implantadas em locais previamente seleccionados com o objectivo de recolher uma boa amostragem do potencial arqueológico da área a ser afectada pela obra e complementar as informações anteriormente recolhidas na campanha de 2005.

II.2.1. Sondagem I

A Sondagem I, inicialmente com 9x10m e posteriormente alargada para Norte (cerca de 2m), foi implantada no extremo Sudoeste do terreno, área onde anteriores trabalhos arqueológicos haviam identificado uma estrutura habitacional.

Nesta sondagem foi possível colocar a descoberto a totalidade da estrutura identificada em 2005, que se

resume a uma pequena casa de habitação e/ou oficina, constituída por dois compartimentos, um com piso de tijoleira, em mau estado de conservação (compartimento 1), com as faces rebocadas e uma lareira no canto Sudeste, datada de 1773, também já anteriormente identificada (Figura 2).

Na face Este encontra-se uma pequena janela em fresta, com entalhe para tranca, e uma porta de entrada que permite o acesso ao compartimento através de dois degraus. Na ombreira Norte da porta reconhece-se uma gravura efectuada no reboco que representa uma cruz de malta inscrita em círculo. O compartimento encontrava-se preenchido por materiais enquadráveis entre a segunda metade do século XIX e o século XX, entre os quais entulhos, cinzas, cerâmica de construção, argamassas de cal e blocos de parede (relacionados muito possivelmente com o desmonte dos pisos superiores aquando da transformação deste espaço num pátio aberto) (Figura 3).

O segundo compartimento (compartimento 2), que só terá sido utilizado ao nível do primeiro piso, não apresenta, no nível escavado, qualquer vestígio de revestimento nas faces internas, nem se registou qualquer vestígio de piso ou níveis de ocupação. Este compartimento encontrava-se preenchido por um nível de entulhos e um depósito composto por sedimentos argilosos, e a sua análise leva a acreditar que este nunca terá tido uma ocupação efectiva, tendo sido entulhado logo após a sua construção.

O conjunto artefactual recolhido enquadra-se entre os séculos XV e XVII, havendo mesmo alguns elementos possivelmente mais antigos.

A Este deste compartimento encontrou-se uma estrutura de combustão, possivelmente uma forja, que reaproveitou duas estruturas prévias na sua construção (Figura 4). Esta estrutura encontra-se separada da zona de entrada no compartimento 1 por um pequeno murete de tijoleira e pedra de pequenas dimensões e preenchido por uma espessa camada de despejo com origem na forja. Uma análise mais pormenorizada leva a crer que a forja estaria activa em dois momentos, um em que o compartimento 1 estaria em funcionamento e um segundo momento já com aquele espaço entulhado. Sobre esta estrutura encontraram-se materiais que apontam para cronologias entre os séculos XIX e XX, pelo que a sua construção deverá ser pelo menos anterior à segunda metade do século XIX (Figura 5).

Para Norte, desenvolve-se em sentido E-O um caminho calcetado. A calçada é constituída por pedra

calcária de forma e dimensão muito variável. Existe uma zona, já bastante destruída, que se encontra colmatada com dois pisos de terra batida que constituem momentos diferentes de reparação do caminho. Novamente, os materiais encontrados sobre esta estrutura forneceram cronologias enquadráveis entre os séculos XIX e XX, pelo que a sua construção deverá ser pelo menos anterior à segunda metade do século XIX (Figura 6).

No extremo Este, esta passagem é fechada por um pequeno murete de tijoleira unida por sedimento argiloso local, que apresenta ao centro uma passagem, acedendo ao espaço da calçada através de um degrau. Surgem mais dois compartimentos a Norte do espaço calcetado, que motivaram o alargamento da sondagem. O primeiro (compartimento 3) apresenta um vão, não emparedado, que abre directamente para o espaço da calçada, embora o seu piso interior se encontre a cerca de 50cm abaixo desta. Neste compartimento é visível a reutilização de peças de mó na parede. Os materiais encontrados neste compartimento apontam para realidades entre os séculos XIX e XX (Figura 7).

Existe uma ombreira em cantaria chanfrada, cuja função seria permitir a comunicação com um outro compartimento (compartimento 4), este constituído por uma estrutura cujo topo apresenta duas soleiras de porta e que teria ao nível térreo um piso de terra batida. A soleira a Este apresenta características que apontam para uma janela sobrelevada que fornecesse luz ao interior e a soleira a Oeste apresenta ligação com um patamar de entrada em laje de pedra calcária e respectivo degrau que sobe a partir da calçada, também ele calcetado. Junto a esta soleira surge o negativo de uma escada de acesso a um primeiro andar, do qual não restam quaisquer outros vestígios. À semelhança do compartimento 3, os materiais encontrados enquadram-se entre os séculos XIX e XX.

Surge ainda uma outra estrutura (compartimento 5), composta por um muro de pedra argamassada que constitui a ombreira da porta de acesso ao compartimento 4, e um pequeno muro de tijoleira e sedimento argiloso local. Não foi possível apurar a função desta estrutura, por se encontrar já no limite da área escavada, mas os enchimentos no interior deste compartimento revelaram também materiais enquadráveis entre os séculos XIX e XX (Figura 8). Na área da forja, das entradas para os compartimentos 1 e 4 e degrau de acesso ao espaço calcetado é vi-

sível um piso de terra batida que é testemunho da comunicação e contemporaneidade (pelo menos em dado momento) destas estruturas e espaços.

Toda a área onde se identificaram as referidas estruturas encontrava-se coberta por uma espessa camada de entulhos constituída por argamassas, material de construção (nomeadamente tijolo e tijoleira), pedra de grandes dimensões, areão e até fragmentos de paredes ainda apresentando reboco nas faces, o que parece indicar que o derrube e desmonte das estruturas se terá dado num mesmo momento. Sobre este nível de entulho foi encontrada uma moeda de Dona Maria Pia, de 1855, o que indica que o abandono deste espaço poderá ter-se dado em meados do século XIX. Sobre esta camada encontrava-se um estrato constituído por terra vegetal de superfície e sob ela a camada de despejo proveniente da forja. A maior parte do material arqueológico recolhido nestas camadas de enchimento é contemporâneo, situando-se entre a segunda metade do século XIX e o século XX.

II.2.2. Sondagem II

A Sondagem II, de 2x2m, foi implantada na área mais a Norte de forma a diagnosticar os níveis arqueológicos que aí pudessem existir. Nesta sondagem identificaram-se diversas camadas de enchimento, homogêneas e compactas, de tendência horizontal, denotando desde logo uma diferença em relação à Sondagem I. Uma análise preliminar do material recolhido permite-nos apontar para a existência de contextos com uma cronologia entre os séculos XV e XVI. Logo abaixo dos níveis de terra vegetal e entulhos superficiais surgiu uma estrutura de grande expressão, com orientação N-S, constituída por pedra argamassada, apresentando cerca de 80cm de espessura e uma altura superior a 2m. Devido à sua grande dimensão é possível tratar-se de uma estrutura cuja funcionalidade seria possivelmente relacionada com a canalização de água do chamado “caneiro de Alfurja” (Figura 9).

Através da análise da estratigrafia foi possível apontar três possíveis momentos de ocupação: uma primeira fase com depósitos enquadráveis entre os séculos XV-XVI, uma segunda fase em que estes depósitos são cortados aquando da implantação da estrutura e uma última fase correspondente à deposição dos níveis de superfície que cobrem todo o conjunto marcando o seu abandono entre os séculos XIX e XX.

Os materiais recolhidos nos sedimentos afectados pela construção desta estrutura, bem como aqueles que se lhe sobrepunham levam-nos a enquadrar

cronologicamente a sua construção entre os séculos XV-XVI e a segunda metade do século XIX, com maior probabilidade para o século XVII (Figura 10).

A cerca de 3m de profundidade, no canto Sudoeste da sondagem, surge um crânio humano, associado a diverso material cerâmico e faunístico de meados do século XV e início do século XVI, em bom estado de conservação mas sem conexão com quaisquer outras partes anatómicas, facto que descarta a hipótese de tratar-se de um enterramento *in situ*. Ao invés, a hipótese mais plausível é de que se trate de uma afectação antiga ocorrida no local da necrópole junto à Igreja de Santo Estevão. Trata-se do crânio de um indivíduo juvenil/adulto jovem, apresentando características que apontam para que seja do sexo feminino.

III. MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

Os vários fragmentos e peças que constituem o corpo artefactual recuperado no Beco do Loureiro (Lisboa) representam um significativo testemunho para a caracterização cronológica das estruturas identificadas. Por outro lado, eles documentam de forma parcial o quotidiano das populações de Lisboa e, mais especificamente, do espaço em que se inserem. Para além dos comuns artefactos cerâmicos foram exumados em número considerável material osteológico, malacológico, metal, vidro e ainda líticos, objectos ósseos e numismas.

As duas sondagens mostraram realidades diferentes, no que toca ao espólio recolhido.

Na primeira sondagem foi recolhido um número elevado de fragmentos cerâmicos, com relevo para a cerâmica fosca e para a faiança. Denota-se a ocorrência de louça em vidrado plumbífero, majólicas, porcelana, produções espanholas e louça de pasta grés.

A cerâmica recuperada destinava-se essencialmente ao armazenamento, preparação, cozedura e serviço de alimentos (Fernandes, 2003, p. 63), existindo ainda peças usadas para outros fins (higiénicos, recreativos, etc.). Seguindo os critérios formais, de um modo geral, a cerâmica fosca e vidrada de barro vermelho tinha utilização como louça de cozinha (panelas, tachos, etc.) e a faiança como louça de mesa (pratos, taças, malgas, saladeiras, etc.).

Recolheu-se ainda algum espólio osteológico e malacológico, metálico e vítreo, bem como oito numismas; um de X réis de 1850 da Rainha D. Maria

II, um de III réis de 1714 do Rei D. João V e seis sem identificação.

O espólio conta ainda com alguns líticos (fragmentos de pedra de cantaria, uma pedra de amolar, um pilão, um peso, entre outros) e objectos ósseos (botões e moldes de botões, escovas), a que se juntam vários nódulos de barro cozido, uma estatueta de bovídeo, um peso de tear (?) e um peso de rede.

Na sondagem II, na generalidade, a leitura dos dados enquadra o espólio exumado entre meados do século XV a inícios do século XVII, observando-se ainda alguns materiais mais tardios, de época medieval e um possivelmente da Idade do Ferro.

Esta sondagem exibiu um número elevado de fragmentos cerâmicos. A grande maioria do conjunto é de cerâmica fosca, existindo ainda louça em vidro plumbífero e estanífero, faiança e majólica. Entre o espólio cerâmico podemos encontrar a habitual louça de cozinha e mesa (panelas, tigelas, pratos, etc.), bem como outros contentores de armazenamento/transporte (cântaros, potes, etc.) e contentores de lume ou outros objectos cerâmicos.

Algumas destas cerâmicas revelam afinidades com materiais encontrados em contextos tardo-medievais e modernos de Cascais, Palmela e Lisboa (Cardoso & Rodrigues, 1991; Fernandes & Carvalho, 1995; Cardoso & Rodrigues, 1999; Diogo & Trindade, 2003; Fernandes & Carvalho, 2003), tal como se verifica na Sondagem I.

Surge ainda algum espólio osteológico, malacológico, metálico e vítreo, bem como vários nódulos de barro cozido, um botão em osso, um peso de rede e um seixo e um bloco lítico truncados.

RESULTADOS

A escavação das sondagens arqueológicas no Beco do Loureiro permitiu aprofundar os conhecimentos já existentes acerca do valor patrimonial do local e ao mesmo tempo dar a conhecer realidades até então desconhecidas.

Verificou-se a existência de uma ocupação da área em época Moderna/Contemporânea, patente numa área habitacional mas também numa pequena indústria, que aproveitaria certamente a linha de água que ali corria.

Uma análise geral dos dados obtidos permite avançar com uma hipótese para a sucessão de diferentes momentos de ocupação deste espaço: (1) o primeiro momento datará do início da época moderna

(séculos XV a XVII); (2) um segundo momento relacionar-se-á com a ocupação deste espaço possivelmente entre o século XVII e a 2ª metade do século XVIII; (3) um terceiro momento a partir de finais do século XVIII ou inícios do século XIX, em que todo este espaço terá entrado em processo de degradação, de que são prova elementos como a reparação do piso do compartimento 1, a implantação da forja e o uso do compartimento 1 como vazadouro dos restos daí oriundos e o levantar de pequenos muros em tijoleira; (4) e finalmente um último momento, já no século XIX, com a destruição e abandono de todo este conjunto estrutural, cujas paredes superiores terão servido para entulhar os diferentes compartimentos, criando-se um espaço aberto usado como horta e jardim ao longo do século XX.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Guilherme (2009) – Sondagens arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra de Montejunto, Cadaval). In *Actas do 1º Encontro de Cultura e Património do Cadaval*. Cadaval: Câmara Municipal, pp. 43-82.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1991) – Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, Actas do IV Congresso Internacional*. Mértola: Campo Arqueológico, pp. 575-586.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1999) – Tipologia e cronologia das cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*. Mértola, 6, pp. 193-212.

DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (1998a) – Intervenção arqueológica na Rua João de Outeiro, nºs 36 – 44, na Mouraria, em Lisboa. In *Actas das 2ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 145-184.

DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (1998b) – Cerâmicas da época do terramoto de 1755 provenientes de Lisboa. In *Actas das 2ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 145-184.

DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (2003) – Cerâmicas de barro vermelho da intervenção arqueológica na calçada de São Lourenço, nº 17/19, em Lisboa. In *Actas das 3ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 203-214.

FERNANDES, Isabel Cristina; CARVALHO, Rafael A. (1995) – Cerâmicas Baixo-Medievais da casa nº 4 da Rua do Castelo (Palmela). In *Actas das 1ªs Jornadas de Cerâmica*

Medieval e Pós-Medieval – métodos e resultados para o seu estudo. Porto; Câmara Municipal de Tondela, pp. 77-96.

FERNANDES, Isabel Cristina; CARVALHO, Rafael A. (2003) – A loiça seiscentista do Convento de S. Francisco de Alferrara. In *Actas das 3^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 203-214.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV e XVI, do Poço-Cisterna de Silves. *Xelb Silves*, 3, pp. 143-206.

SILVA, R. B. da; NOZES, C. (2005) – Resultados da primeira campanha de Trabalhos Arqueológicos no Beco do Loureiro, Alfama – principais resultados, opções patrimoniais e desenvolvimento futuro dos trabalhos. Informação entregue à Câmara Municipal de Lisboa, Divisão de Museus e Palácios em 11-11-2005.

SILVA, Rodrigo Banha da (1998) – Fontes arqueológicas. In SILVA, Rodrigo Banha da; GUINOTE, Paulo, *O Quotidiano da Lisboa dos Descobrimentos, Roteiro Arqueológico e Documental dos Espaços e Objectos*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 41-176.

CARTOGRAFIA

Filipe Folque, “Carta Topográfica da Cidade de Lisboa”, 1856-1858.

João Nunes Tinoco, “Planta da Cidade de Lisboa”, 1650.

Júlio António Vieira da Silva Pinto, “Planta Topográfica de Lisboa”, 1909.

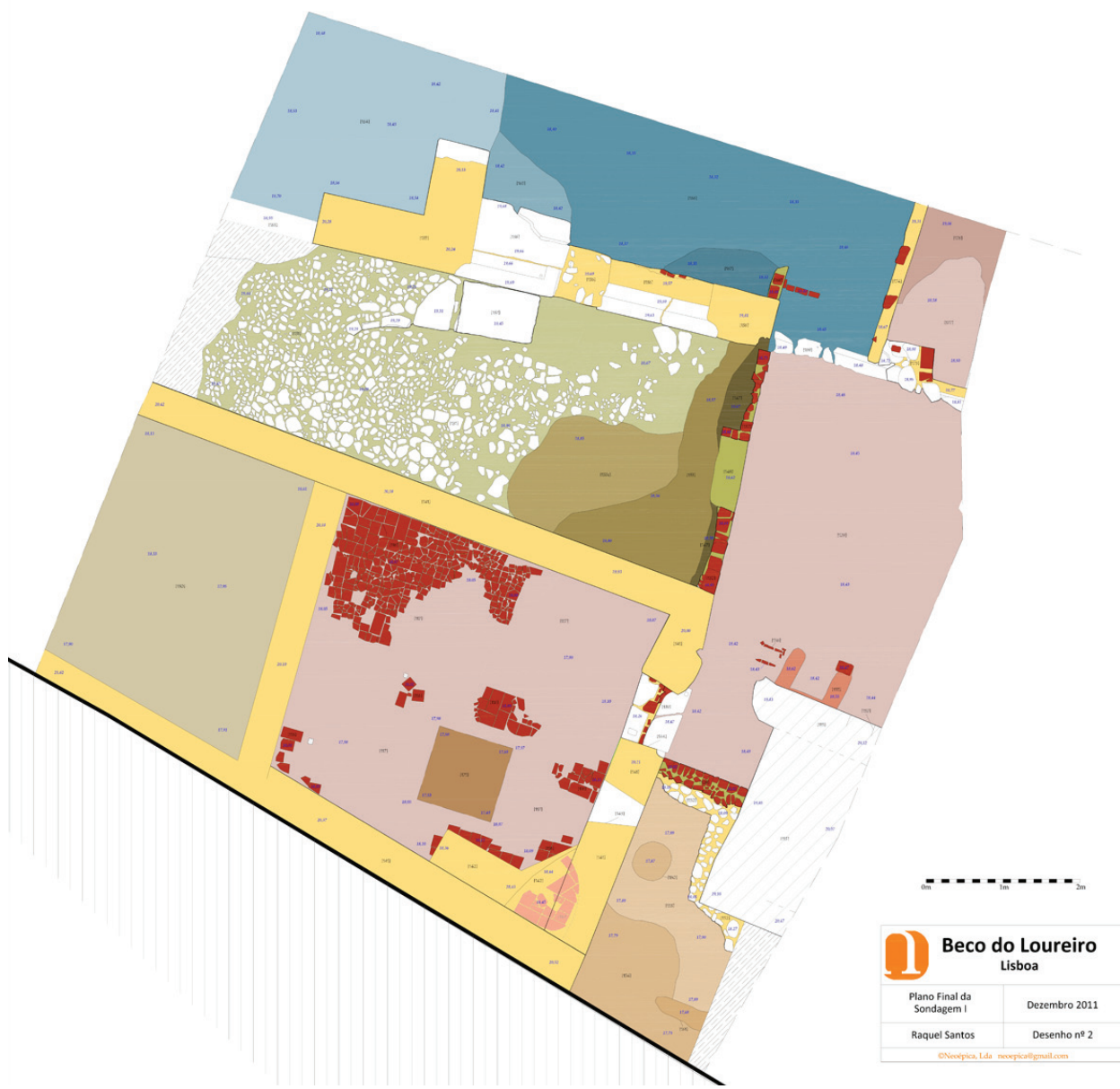


Figura 1 – Plano final da Sondagem I.



Figura 2 – Representação gráfica do alçado do compartimento 1.



Figura 3 – Sondagem I, Compartimento 1.



Figura 4 – Sondagem I, Estrutura de forja.

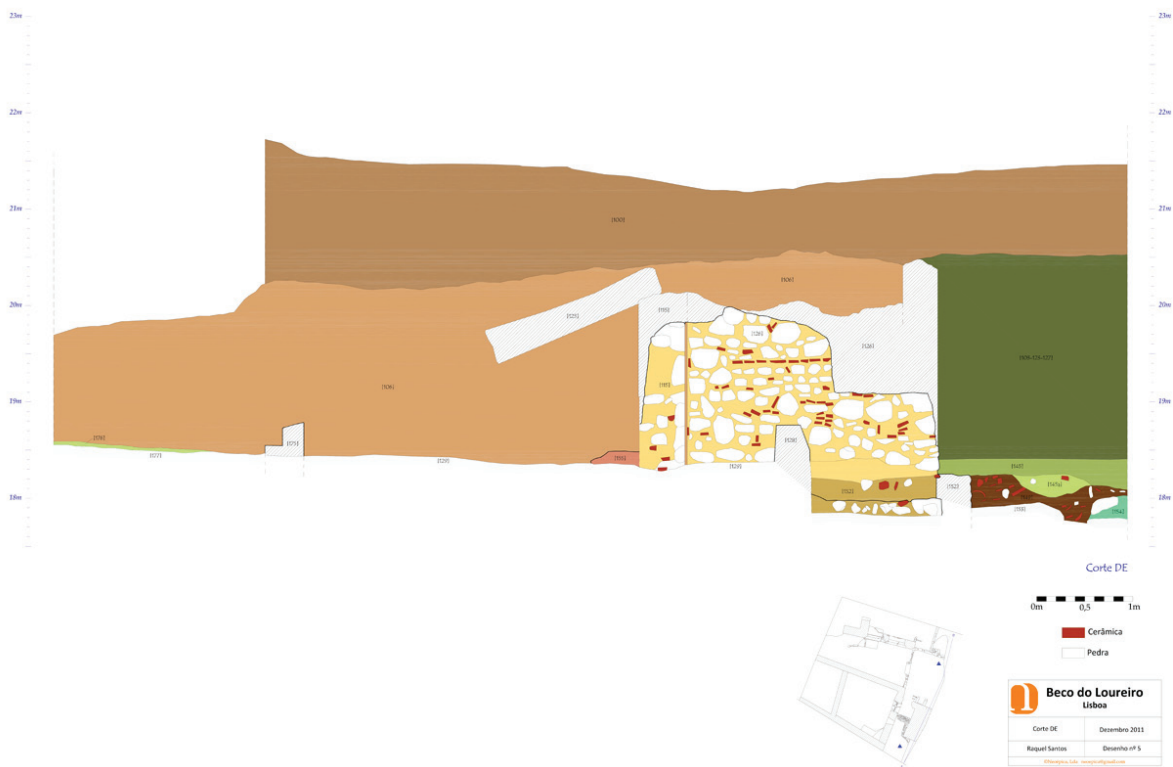


Figura 5 – Representação gráfica do corte SE com alçado da estrutura de forja.



Figura 6 – Sondagem I, Calçada.



Figura 7 – Sondagem I, Compartimento 3 e 4.



Figura 8 – Sondagem I, Compartimento 5.



Figura 9 – Sondagem II, Estrutura.

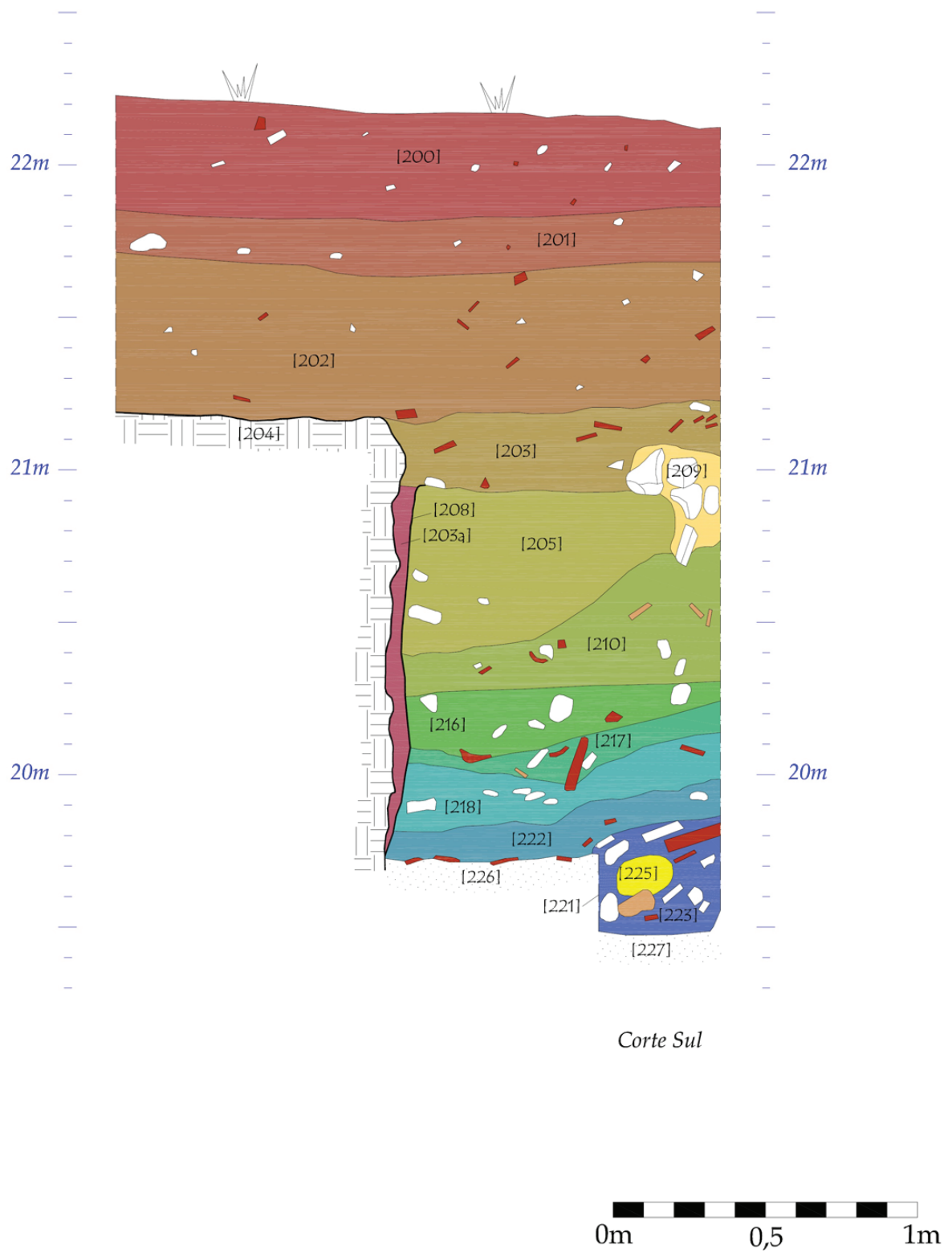
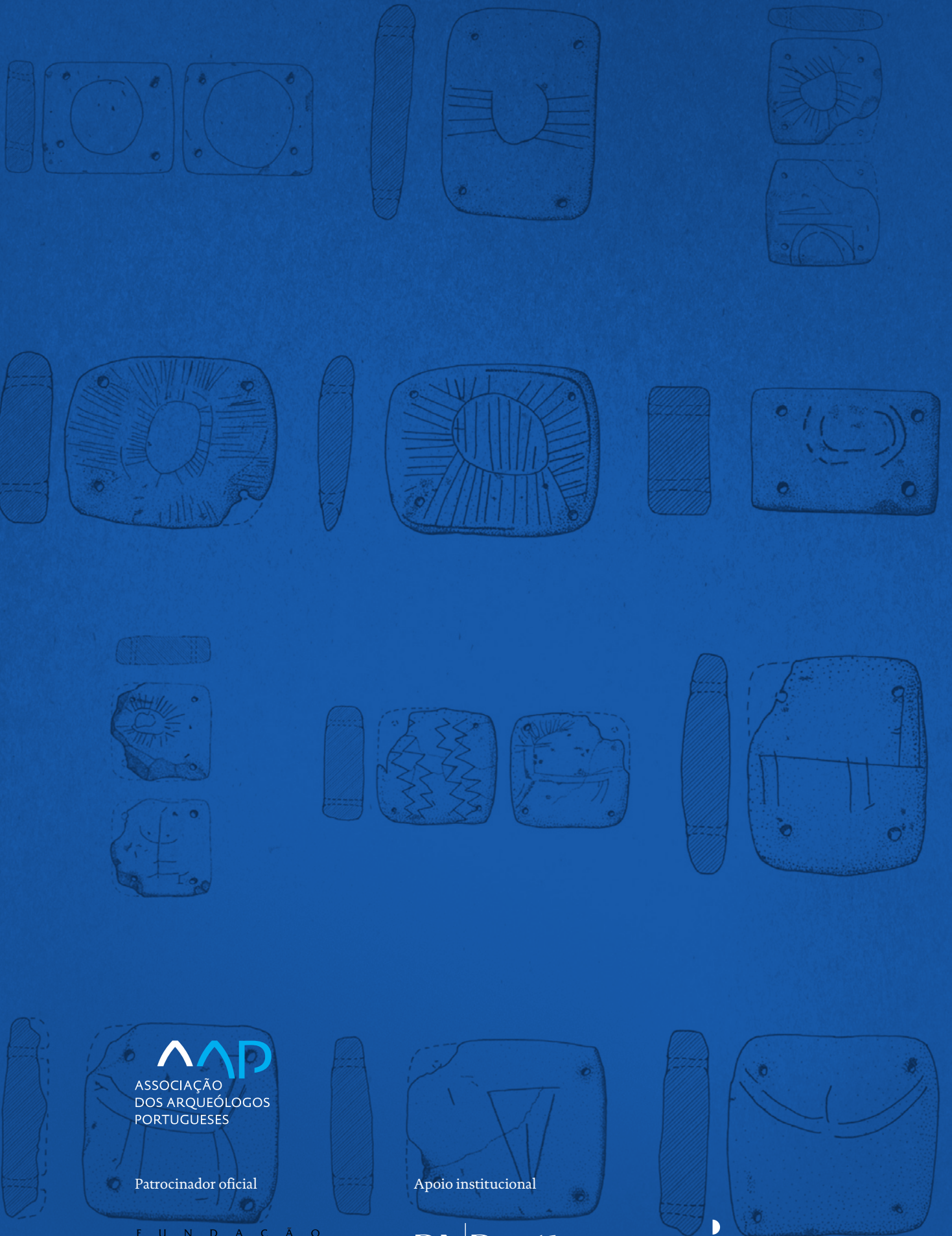


Figura 10 – Sondagem II, estratigrafia detectada.



AAP
 ASSOCIAÇÃO
 DOS ARQUEÓLOGOS
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
 bcp

BNP
 BIBLIOTECA
 NACIONAL
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
 PORTUGAL


 Parques de Sintra
 Monte da Lua